

APRESENTAÇÃO: POÉTICAS DA TRADUÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS



GUILHERME GONTIJO FLORES

Os estudos clássicos sempre estiveram intimamente ligados à tradução, sempre foi praxe na área apresentar uma obra ou trechos traduzidos em anexo a um estudo, sobretudo em dissertações e teses. No entanto, podemos dizer que essa relação era, em grande parte, ingênua até cerca de 30 anos atrás. Quando digo ingênua, penso no estrito caráter pragmático filológico dessas traduções; não que esse modo tradutório seja em si ingênuo (trata-se de um processo que explicita interpretações e facilita a leitura contrastiva com o original aos estudantes de grego e latim), mas quase não havia uma discussão sobre outras possibilidades tradutórias, ou sobre as funções e a ética da tradução de textos clássicos num determinado contexto; e assim a tradução poética ficava de lado como uma espécie de “ornamento inútil” aos estudos. Desse modo, havia uma cisão: os estudiosos continuavam com suas traduções filológicas com fins de estudo, voltadas para o círculo semifechado de classicistas; ao passo que as traduções poéticas eram feitas por outros leitores interessados, geralmente poetas ou tradutores profissionais, e passavam a circular entre um público mais amplo. É nesse quadro que se inserem as traduções de Paulo Római, Carlos Alberto Nunes, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Haroldo de Campos, José Paulo Paes, Paulo Leminski, dentre outros (para ficarmos apenas no século XX), com trabalhos que estavam, e de certo modo ainda estão, afastados das aulas de literatura clássica, por conterem “desvios” do texto original, em geral compreendidos como restulados de uma suposta falta de conhecimento dos tradutores não-especialistas.

Felizmente para nós, essa imagem cindida dos estudos clássicos (sempre tidos como afastados dos estudos contemporâneos, como ilhados dos interesses de seu tempo) e da tradução poética está acabando. O intuito deste dossiê é apresentar alguns estudos desses classicistas tradutores, que vêm apresentando seus trabalhos nos últimos vinte anos, com um desejo comum de produzir traduções poéticas que guardem em si o resultado da sua especialidade estudo: são em geral traduções a um só tempo filológicas e poéticas, dirigidas a um público amplo mas profundamente importantes para os especialistas. Na impossibilidade de abarcar todos os tradutores contemporâneos, aqui a temática se resume à tradução de poesia (e faço questão de diferenciar da expressão *tradução poética*, que, creio, também se possa aplicar à prosa, quando a

materialidade do texto também está em jogo); e penso poesia também no sentido amplo: temos aqui traduções e discussões sobre epigrama, lírica, drama, épica, elegia, centão; uma variedade de gêneros e sub-gêneros que também se desdobra numa variedade de poéticas da tradução.

Tal questão da variedade poética, para além da questão do estilo, que é ainda muito mais sutil e variada, poderíamos simplesmente apontar para as diversas soluções apresentadas para a métrica. As traduções filológicas quase sempre lembram, como motivo para sua tradução menos “formal”, a grande diferença entre os esquemas métricos greco-latinos e os de língua portuguesa. A questão é inevitável: a poesia grega e latina é escrita, no geral, em sistemas rítmicos que levam em consideração as alternâncias de sílabas longas e breves, enquanto a métrica portuguesa está baseada na contagem de sílabas e nas posições das sílabas tônicas dentro do verso. Mas o problema não é exclusivo das línguas clássicas, e por isso creio que as discussões deste dossiê possam interessar a outros leitores, estudiosos e tradutores. Um exemplo apenas: o chinês tem uma ampla literatura antiga construída, em grande parte, em quadras de 5 ou 7 sílabas; mas é necessário levar em consideração que a maior parte das palavras chinesas são monossilábicas, enquanto em português nós contamos com uma imensa gama de dissílabos e trissílabos; além disso, o chinês tem variação tonal, que faz com que palavras homófonas se distingam na entoação, o que gera tipos de paranomásia muito diversos dos que temos em português. Não se trata, portanto, apenas de ritmo (a não ser que pensemos no conceito de ritmo de Henri Meschonnic), e sim de como um determinado ritmo engloba uma semântica; ou, como prefiro, trata-se de como se pode recriar o *sentido* de um texto, sem uma separação artificial entre significantes e significados. Nesse caso, como explicitava o título do famoso artigo de Haroldo de Campos, a tradução é criação, mas também crítica; um processo de leitura que explicita o papel do tradutor também como leitor e hermeneuta do texto; a diferença é que sua hermenêutica é ela própria uma nova criação, por sua vez passível de nova tradução – ao contrário do que cria Walter Benjamin. Basta ficarmos com um só exemplo famoso, temos o *Rubaiyat* de Omar Khayyam e sua enorme recepção ocidental através da tradução de Edward Fitzgerald, que já foi traduzida para dezenas de línguas, o que confirma como a tradução-leitura-recriação de Fitzgerald ocuparam seu lugar de nova obra no cânone junto ao original de Khayyam, que também recebe de tempos em tempos novas traduções.

Se variedade e diversidade são as palavras de ordem do pensamento contemporâneo, penso que estes nove artigos serão muito bem-vindos como uma representação diversa dessas poéticas do traduzir, mais voltados aos textos clássicos. É certo que é um agrupamento incompleto, inacabado, mas é essa incompletude que mais nos pode motivar, sem a típica melancolia dos tradutores, a pensar e repensar textos e traduções, a traduzir sempre e a retraduzir.

Guilherme Gontijo Flores
ggontijof@gmail.com
Universidade Federal do Paraná